

La Comédiathèque

Histórias insólitas

Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

**O texto desta peça está disponível para download gratuito.
No entanto, os direitos de representação, que constituem uma justa remuneração pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal.
Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é obrigatório solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.
Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras:**
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>
<http://comediatheque.net/formulario-de-contacto-2/>

Histórias insólitas

Comédia de sketches

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

O inspetor Colombo diante de São Pedro...

Dois polícias a investigar a morte de Van Gogh...

Como se chamava o primeiro ser humano cujo nome chegou até nós?

Uma dezena de histórias insólitas para rir e dar que pensar.

1. O mar.....	3
2. Colombo.....	8
3. Lua de mel.....	14
4. Inseticida.....	18
5. Relatividade.....	21
6. Kushim.....	26
7. Contracampo.....	31
8. O desmoronado.....	36
9. Ucronia.....	40
10. Fantasia.....	43
Para terminar.....	49

Elenco

22 personagens.

Elenco muito flexível, tanto no número de intérpretes como no sexo das personagens: cada intérprete pode representar vários papéis e a maioria das personagens pode ser interpretada indistintamente por homens ou mulheres.

De 2 a 22 intérpretes (homens ou mulheres).

© La Comédiathèque

1. O mar

Um homem está sentado a uma mesa de café. Parece ter pelo menos cinquenta anos e veste roupa fora de moda. Aos seus pés está uma mala antiga. Olha fixamente em frente, na direção da plateia. Chega uma empregada de mesa, na casa dos trinta, e limpa outra mesa. Tenta chamar-lhe a atenção sem se atrever a incomodá-lo. O homem não repara nela. Por fim, ela aproxima-se.

Mulher – Desculpe, mas... acabo o meu turno daqui a cinco minutos. Vou ter de lhe cobrar.

O homem finalmente dá por ela e regressa à realidade.

Homem – Eu... Eu vou-me embora, claro.

Mulher – Não, pode ficar! Estamos abertos até à meia-noite. É só que... tenho de fechar a caixa.

Homem – Compreendo.

Tira do bolso uma nota e põe-na em cima da mesa. A mulher olha para a nota com curiosidade.

Mulher – Desculpe, mas... já passámos para o euro há mais de vinte anos, sabe?

O homem olha para a nota e percebe o engano.

Homem – Peço imensa desculpa...

Pega novamente na nota, tira outra e coloca-a em cima da mesa.

Mulher – Não tem uma nota mais pequena...?

Homem – É tudo o que tenho comigo.

Mulher – Não faz mal, trago-lhe já o troco.

Homem – Não se incomode... Fique com tudo.

Mulher – É uma nota de cinquenta euros.

Homem – Ah, pois...

Mulher – E o café custa dois euros.

Ele volta a olhar fixamente em frente.

Homem – Há quanto tempo estou sentado nesta mesa?

Mulher – Diria que... sete ou oito horas. Foi o meu primeiro cliente quando comecei o turno ao meio-dia.

Homem – E não me disse nada.

Mulher – Dizer-lhe o quê?

Homem – Que pedisse outra coisa, por exemplo... ou que me fosse embora.

Mulher – Aqui não fazemos isso. Bebe um café e pode ficar até fecharmos, se quiser.

Homem – Fique com o troco, por favor.

Mulher – Bem... Obrigada... Já trabalho nisto há uns anos... É a maior gorjeta que alguma vez me deram. E ainda por cima por um simples café.

Homem – Fico contente, acredite.

Mulher – Antes não me atrevi a incomodá-lo. Parecia tão... perdido nos seus pensamentos. Está de férias?

Homem – Tenho ar de quem está de férias?

Mulher – Não sei... Disse isso... por causa da mala.

Homem – Ah, sim... A mala.

Mulher – Está à procura de um hotel?

Homem – Não.

Mulher – Bem, então... até uma próxima, talvez...

Homem – Talvez.

Ele volta a mergulhar na contemplação. Ela prepara-se para sair, mas muda de ideias.

Mulher – Não queria ser indiscreta, mas... para onde é que está a olhar assim tão fixamente há oito horas seguidas? Nem tenho a certeza de o ter visto pestanejar...

Homem – Estou a olhar para o mar.

Mulher – O mar?

Homem – O mar, precisamente onde se encontra com o horizonte.

Mulher – Pois...

Homem – Nunca olha para o mar?

Mulher – Não. Quer dizer... nunca durante tanto tempo. Nunca assim. E depois... não tenho muito tempo.

Homem – É uma pena... Quero dizer... não ter tempo.

Mulher – Aqui vejo o mar oito horas por dia, o ano inteiro... A mim faz-me lembrar mais o trabalho... Ao fim de semana tento olhar para outras coisas.

Homem – E para que olha ao fim de semana?

Mulher – Não sei... Para a televisão...

Homem – Claro.

Ela parece um pouco constrangida.

Mulher – Mas também olho para outras coisas além da televisão... Não necessariamente para o mar, mas... sei lá... Quando estou de férias... as montanhas, por exemplo.

Homem – Ah, sim... As montanhas...

Mulher – Portanto, o seu é o mar.

Homem – Sim.

Mulher – E... porquê o mar?

Pausa.

Homem – Tudo vem do mar, não é?

Mulher – Tudo?

Homem – Há milhões de anos, foi do mar que saíram os primeiros vertebrados, alguns dos quais acabariam por se transformar em seres humanos.

Mulher – Ah, sim...

Homem – Seres humanos que acabariam por colonizar todas as terras emersas, até levarem o planeta à beira do apocalipse.

Mulher – Claro...

Homem – Tudo vem do mar. O melhor e o pior.

Mulher – Agora que fala nisso, até tem razão. Antes de se sentarem nesta esplanada, a maioria dos meus clientes sai da água. E posso garantir-lhe que também aí há do melhor e do pior.

Homem – Não tenho a certeza de fazer parte do melhor.

Mulher – Pela gorjeta que me deixou, acredite, já vi pior.

Homem – Mas não sabe de onde vem esse dinheiro.

Mulher – Isso é importante?

Homem – Para alguns, sim.

Mulher – Para mim, cinquenta euros são cinquenta euros.

Homem – A sério?

Mulher – Sim... acho eu.

Homem – E se eu não tivesse ganho esse dinheiro honestamente?

Mulher – O seu dinheiro vale tanto como o de qualquer outra pessoa. Se no comércio só aceitassem dinheiro ganho honestamente, não fariam grande negócio...

Homem – Todo o dinheiro que tenho agora foi roubado.

Mulher – Roubado?

Homem – Num assalto que, infelizmente, correu mal. Morreu um homem. Um polícia. Tinha mulher e dois filhos...

Mulher – Foi o senhor que o matou?

Homem – Não. Mas isso não muda nada. Pelo menos para os juízes não mudou.

Mulher – Pagou a sua dívida à sociedade, como se costuma dizer.

Homem – Dei trinta anos da minha vida por um homicídio que não cometi. E fiquei com um dinheiro que não era meu. Esperava poder recuperar com ele todos esses anos perdidos.

Mulher – Há quem dê quarenta anos da vida para comprar uma reforma, sabe?

Pausa.

Homem – Durante todos esses anos, nunca vi mais longe do que as quatro paredes da minha cela... Que idade tem?

Mulher – Trinta anos...

Homem – Libertaram-me esta manhã... Fui desenterrar o dinheiro do assalto, que tinha escondido num cemitério. As notas estavam como novas. O dinheiro não envelhece.

Mulher – E depois?

Homem – Apanhei um comboio para vir ver o mar.

Mulher – Agora percebo melhor porque olhava para ele assim.

Homem – Como um homem que não vê uma mulher há anos e, quando finalmente volta a ver uma, só consegue olhar para ela. Porque perdeu todo o desejo de a possuir.

Mulher – Mas agora é livre.

Homem – Com a liberdade é a mesma coisa. Quando uma pessoa fica privada dela durante demasiado tempo e, de repente, lha devolvem, já não sabe o que fazer com ela.

Mulher – Nem sequer foi tomar banho ao mar.

Homem – Não sei se ainda sei nadar.

Mulher – Lamento muito.

Homem – Acredite, dar a vida por uma mala cheia de notas sai demasiado caro. Eu já não valho nada, e esse dinheiro também já não tem valor nenhum...

Mulher – Quer dizer que... essa mala está cheia de notas?

Pausa.

Homem – Vou ficar a olhar o mar de frente até cair a noite. Até que o céu, no horizonte, se funda com ele.

Mulher – E depois?

Homem – Todos viemos do mar. Esta noite volto para ele.

O homem levanta-se para sair. Ela vê-o afastar-se, sem saber o que dizer para o deter. Então repara na mala.

Mulher – Senhor! Esqueceu-se da mala!

Homem – Fica para si. Mas lembre-se de uma coisa: o dinheiro não vale nada quando queremos resgatar-nos a nós próprios.

Ele sai. Ela olha para a mala, hesita e acaba por abri-la. Tira de lá um maço de notas.

Mulher – Francos...

2. Colombo

São Pedro (ou a Virgem Maria, caso seja necessário feminizar o papel) dormita num cadeirão. Tem barba branca, veste uma túnica e traz uma enorme chave pendurada à cintura. Chega o inspetor Colombo, com a gabardina amarrotada, a gravata torta e um charuto na mão. Pigarreia ligeiramente para dar pela sua presença.

São Pedro – Ah, senhor Peter Falk. Estava precisamente à sua espera.

Colombo – Desculpe, talvez esteja um pouco atrasado. Tive uma dúvida, não sabia se era a porta certa. Como há duas no patamar...

São Pedro – O patamar? Ah, sim, claro...

Colombo – Esta estava aberta, por isso tomei a liberdade de entrar... Talvez devesse ter batido...

São Pedro – Esteja descansado, está no paraíso. A outra porta é... Bem, já deve imaginar. Era inspetor da polícia, não se lhe pode esconder nada, pois não?

Colombo – Bom, nada, nada... também é exagero. Portanto não houve engano. É mesmo aqui.

São Pedro – E pode ter a certeza de que estamos muito felizes por o receber, senhor Falk. Afinal de contas... é uma celebridade.

Colombo – Não tanto como o senhor! (*Olhando para cima com respeito.*) E sobretudo... não tanto como... Além disso, eu não passava de uma personagem de ficção. Como inspetor, quero dizer. Na vida real era apenas ator.

São Pedro – Naturalmente.

Colombo – Aliás, há uma coisa que não percebi muito bem... Estou aqui como ator ou como personagem?

São Pedro – Não estou a perceber muito bem...

Colombo – Os heróis da televisão também não são eternos, sabe? Se o argumentista decidir matá-los num episódio... Eu próprio, como inspetor, vi-me muitas vezes em situações bastante delicadas. Podia ter levado um tiro ou morrido num acidente de automóvel. Sobretudo com aquela velha lata que eu conduzia. Conhece o meu carro?

São Pedro – Onde quer chegar, inspetor?

Colombo – Pois, estava a pensar... para onde vão as personagens de ficção quando morrem?

São Pedro – Para lado nenhum, suponho. Pelo menos não para aqui. Afinal, não são pessoas reais, como eu e o senhor. Quer dizer... como o senhor.

Colombo – Claro... Embora... às vezes me pergunte se, no fim de contas, o inspetor Colombo não era muito mais real do que Peter Falk.

São Pedro – Para a maioria dos mortais, o senhor será o inspetor Colombo. Por toda a eternidade. No fundo, será ele a dar-lhe uma forma de imortalidade. Na Terra, pelo menos.

Colombo – Mas estamos de acordo que estou aqui como ator, não é? Não como inspetor de uma série de televisão.

São Pedro – Provavelmente um pouco como as duas coisas. Como separar um do outro?

Colombo – Claro... Embora também tenha feito alguns outros filmes.

São Pedro – A sério?

Colombo – Viu-me em *As Asas do Desejo*?

São Pedro – Vou muito pouco ao cinema...

Colombo – Claro, mas pensei que esse... Como é a história de um anjo...

São Pedro – E o anjo era o senhor?

Colombo – Não... Na verdade, fazia de mim próprio.

São Pedro – Do inspetor Colombo?

Colombo – Não exatamente... Naquele filme, na verdade, eu era Peter Falk. Não é assim tão fácil representarmo-nos a nós próprios, sabe? É até bastante perturbador.

São Pedro – Confesso que eu próprio começo a ficar um pouco perdido, inspetor. Se voltássemos a...

Colombo – Desculpe, tenho a péssima mania de baralhar tudo. É o que a minha mulher me diz sempre... Discutíamos muitas vezes, mas no fundo gostávamos muito um do outro...

São Pedro – Não se preocupe. A hora dela também chegará e, se tal como o senhor tiver merecido...

Colombo – Oh, quanto a isso não estou preocupado. É uma mulher maravilhosa. Tenho a certeza de que, quando chegar a altura, terá o seu lugar no paraíso. Mas entretanto... receio que se aborreça, percebe?

São Pedro – Percebo... Infelizmente, não sou eu quem decide o dia e a hora.

Colombo – Seja como for... então também me chamaram aqui como inspetor...

São Pedro – Chamaram?

Colombo – Quero dizer, chamaram-me de volta. Para junto de si. Enfim, para junto de si ou... (*Olhando novamente para cima.*) d'Ele. É assim que se diz, não é? Deus chamou-o a si...

São Pedro – Exatamente... Agora, se não se importa, vou mostrar-lhe...

Colombo – Acha que vou poder interrogá-lo?

São Pedro – A quem?

Colombo – A Deus.

São Pedro – Quer interrogar Deus?

Colombo – Reconheço que escolhi mal a palavra. Queria dizer... vê-lo e falar com Ele?

São Pedro – Deus está em todo o lado, até no paraíso. E nada nos impede de ter esperança. Portanto, como estava a dizer, vou indicar-lhe o caminho para... o lugar onde descansará em paz por toda a eternidade.

Colombo – Claro, desculpe. E depois... o descanso eterno, de facto, é tentador.

São Pedro – Está a ver a entrada daquele túnel?

Colombo – Ah, sim... É curioso, até vejo uma luzinha ao fundo.

São Pedro – É isso... Basta dirigir-se para essa luz e... Não se preocupe com o resto. Nós tratamos de tudo. Caso contrário, isto não seria propriamente o paraíso, pois não?

Colombo – Muito bem, desculpe tê-lo incomodado. Vou já para lá...

São Pedro – Bem-vindo ao paraíso, inspetor.

Colombo prepara-se para sair, mas muda de ideias.

Colombo – Desculpe, mas... há ainda um pormenor que me está a incomodar.

São Pedro (*começando a ficar impaciente*) – Sim, inspetor...

Colombo – Sabe exatamente de que é que eu morri?

São Pedro – Porquê essa pergunta? Agora já não tem grande importância.

Colombo – Deformação profissional, suponho. Passei a vida inteira a investigar como é que as pessoas tinham realmente morrido. Pelo menos aquelas que eu achava que tinham sido assassinadas.

São Pedro – Acha que foi assassinado?

Colombo – Simples curiosidade, garanto-lhe. Mas não queria de modo nenhum ser indiscreto. Afinal, é o senhor que está encarregado do caso.

São Pedro – Morreu de pneumonia, se a memória não me falha.

Colombo – De pneumonia...? Ah, sim, já percebo... Peter Falk morreu de pneumonia, é verdade. Bem, acho eu... Não, eu estava a falar de mim, quer dizer, do inspetor Colombo.

São Pedro – Morreu?

Colombo – Era precisamente aí que eu queria chegar. Como nunca o vimos morrer em episódio nenhum, nem sequer no último, tem de continuar vivo, não acha?

São Pedro – Como poderia continuar vivo se nunca existiu realmente? E o senhor, que existiu de facto, está morto.

Colombo – Claro... Tem razão, evidentemente. Como poderia uma personagem de ficção sobreviver ao ator que a interpretava no ecrã? Não faz sentido nenhum!

São Pedro – Nem mais... Portanto agora, se não se importa...

Colombo – Desculpe ter-lhe tomado tanto tempo... Vou entrar naquele túnel e...

São Pedro – Sim, por favor...

Colombo prepara-se novamente para sair, mas volta a parar.

Colombo – Só mais uma pergunta e depois, prometo, deixo-o em paz.

São Pedro – Estou a ouvir...

Colombo – Se o inspetor Colombo nunca esteve vivo, também não pode estar morto, pois não?

São Pedro – Suponho que não. E que conclusão tira daí, inspetor?

Colombo – Se o inspetor Colombo não está morto, não tem nada que fazer no paraíso... e, por conseguinte, eu também não. Porque, como o senhor próprio disse tão justamente, somos inseparáveis.

São Pedro – Isso, se me permite, cabe a... (*Apontando para o céu.*) Ele decidir.

Colombo – Claro... E no entanto...

São Pedro – O que é agora?

Colombo – Se o inspetor Colombo não existe, apesar de o senhor o ter diante dos olhos, como é que podemos afirmar com absoluta certeza que Deus, que nunca vemos, existe realmente?

São Pedro – Recordo-lhe que está à entrada do paraíso... Acha mesmo que esta é a altura certa para pôr em causa a existência de Deus?

Colombo – Não, claro. Se eu tivesse ganho uma semana de férias num hotel de luxo à beira-mar, não poria em causa a existência do dono do hotel, mas...

São Pedro – Mas?

Colombo – Mas aqui as férias arriscam-se a ser um pouco longas... Para ser completamente sincero, tenho algum medo de me aborrecer. Sobretudo sem a minha mulher...

São Pedro – Tenho a certeza de que encontrará maneira de se ocupar enquanto espera que ela se junte a si...

Colombo – Claro... Vou tentar arranjar alguma coisa para fazer... Agora que penso nisso... Por definição, aqui só há mortos, não é?

São Pedro – Sim... É um pouco esse o princípio...

Colombo – E onde há mortos também pode haver... mortes suspeitas.

São Pedro – Suspeitas?

Colombo – Vou poder continuar a exercer a minha profissão!

São Pedro – A de ator?

Colombo – A de polícia! De onde venho, sabe, é muito raro um inspetor poder interrogar a vítima de um homicídio. O que, evidentemente, simplificaria muito as investigações.

São Pedro – Sim, bem, não tenho a certeza de que...

Colombo – Sinto que isto vai ser absolutamente fascinante. Afinal, convenceu-me. Isto é mesmo o paraíso para um polícia. Não lhe tomo mais tempo, vou já para lá...

Dirige-se para a entrada do túnel.

São Pedro – Espere um momento!

Colombo – Também há uma última coisa que o preocupa?

São Pedro – Pensando bem, tem razão. O lugar de uma personagem de ficção não é no paraíso.

Colombo – Na Idade Média, nem os atores tinham direito a entrar.

São Pedro – Vou mandá-lo de volta para onde veio. Era isso que queria, não era?

Colombo – Vai mandar-me de volta para a Terra?

São Pedro – Não sonhe. Não, vou mandá-lo de volta para a sua série preferida. Em quantos episódios entrou?

Colombo – Sessenta e nove.

São Pedro – Então poderá continuar a investigar por toda a eternidade. Serve-lhe?

Colombo – Então vou voltar a encontrar a minha mulher? Quero dizer... a senhora Colombo?

São Pedro – Basta voltar para trás. Um anjo estará à sua espera no patamar, como diz. Ele acompanha-o até casa. Bem... até casa da senhora Colombo.

Colombo – O senhor é que sabe... Mas antes de ir, só queria fazer-lhe uma última pergunta...

São Pedro – Para fora, antes que eu mude de ideias! E o faça antes entrar pela outra porta, se é que me entende...

Colombo – Deixo-o em paz, prometo... Estou tão ansioso por voltar para junto da minha mulher. Ter uma profissão apaixonante e uma mulher que nos ama, isso é o paraíso, não acha?

Tentando manter a calma, São Pedro não responde. Colombo volta para trás e começa a sair por onde veio. São Pedro solta um suspiro de alívio.

3. Lua de mel

Um homem chega à receção de um hotel e dirige-se à rececionista.

Rececionista – Bom dia, senhor. Em que posso ajudá-lo?

Cliente – Bom dia. Queria um quarto, por favor.

Rececionista – Muito bem. Um quarto duplo ou individual?

Cliente – Individual chega. Infelizmente...

Rececionista – Viagem de negócios, turismo...?

Cliente – Lua de mel.

Rececionista – Desculpe...?

Cliente – Estou em lua de mel.

Rececionista – Estou a ver... e, no entanto, quer um quarto individual. Talvez outro para a sua mulher... A menos que ela prefira ficar noutro hotel.

Cliente – A minha mulher deixou-me... logo a seguir à cerimónia.

Rececionista – Lamento imenso...

Cliente – Não tanto como eu.

Rececionista – Uma desavença conjugal, talvez?

Cliente – Foi-se embora com a minha testemunha, mal saímos da câmara municipal. Perdi ao mesmo tempo a minha mulher e o meu melhor amigo.

Rececionista – Talvez acabem por voltar.

Cliente – Talvez no fim da lua de mel. Eu tinha reservado uma semana nas Seychelles. Eles foram-se embora com os bilhetes de avião.

A rececionista hesita ligeiramente.

Rececionista – Isto não é uma brincadeira, pois não?

Cliente – Tenho ar de quem está a brincar?

Rececionista – Para dizer a verdade, tem mais ar de cornudo.

Cliente – Obrigado por me animar.

Rececionista – Peço imensa desculpa, senhor. Saiu-me sem pensar.

Cliente – Não, tem razão. Tenho ar de cornudo.

Rececionista – De certeza que não é a primeira vez que lhe dizem isso.

Cliente – Não. E agora acabei de ter a confirmação.

Rececionista – Os meus sentimentos, acredite. E, em nome do hotel, aceite as nossas mais sinceras condolências.

Cliente – Obrigado, mas... ainda não sou viúvo, sabe? Por enquanto, sou apenas cornudo.

Rececionista – Claro... Eu... não sei o que lhe diga... Se pudesse...

Cliente – É muito simpática.

Rececionista – Olhe, para aliviar um pouco a sua dor, em nome do hotel posso oferecer-lhe uma pequena compensação.

Cliente – Uma compensação...? Quer dizer que...

Rececionista – Não se entusiasme tão depressa... Evidentemente, para a sua noite de núpcias imagino que preferisse ter uma mulher na cama. Infelizmente, o regulamento do hotel proíbe-nos terminantemente de...

Cliente – Claro.

Rececionista – Não, eu estava apenas a falar de um upgrade.

Cliente – Um upgrade?

Rececionista – Pelo preço de um quarto individual normal, ofereço-lhe um quarto superior com varanda, no último andar. É muito mais sossegado do que os quartos virados para a rua, vai ver. Dá para o cemitério.

Cliente – Obrigado...

Rececionista – Em geral, os nossos clientes ficam muito satisfeitos. Pelo menos, nunca ninguém se queixou. Tem bagagem?

Cliente – A minha testemunha foi-se embora com a minha mala. Além de levar a minha mulher e as reservas para a nossa lua de mel num hotel de sonho...

Rececionista – Depois de uma coisa dessas, como é que uma pessoa volta a confiar nos amigos...?

Cliente – Na verdade... era mais amigo da minha mulher.

Rececionista – Pois, já imaginava. Mas não se preocupe, na máquina de venda automática do andar encontra tudo aquilo de que precisa. Escova de dentes, pente, kit de barbear...

Cliente – Obrigado, mas... há ainda uma coisinha que me preocupa. Não sei muito bem como lhe dizer isto...

Rececionista – Estou a ouvir...

Cliente – A minha mulher também levou o meu cartão de crédito.

Rececionista – Estou a ver...

Cliente – E não me lembrei de levantar dinheiro antes da cerimónia. Não podia imaginar que...

A rececionista, visivelmente cada vez mais impaciente, hesita por um instante.

Rececionista – Olhe, de qualquer maneira o hotel está quase vazio. Por isso ofereço-lhe uma noite. Mas amanhã de manhã, logo à primeira hora, põe-se a andar, está bem?

Cliente – É muito amável da sua parte, a sério. Nem sei como agradecer-lhe...

A rececionista entrega-lhe uma chave.

Rececionista – Tome, aqui tem a chave.

Cliente – O pequeno-almoço está incluído?

A rececionista, no limite da paciência, prefere não responder.

Rececionista – Quarto andar, quarto 69. Resta-me desejar-lhe uma boa noite...

Cliente – Obrigado...

O cliente prepara-se para sair, muito deprimido.

Rececionista – Pode sempre ver televisão. Ajuda a distrair.

Cliente – Posso dar uma vista de olhos à programação?

Rececionista – Claro.

O cliente folheia uma revista de televisão.

Cliente – Ah, *Vou Dormir em Tua Casa...* O meu programa preferido. Conhece?

Rececionista – Adoro... Em que país estão desta vez?

O cliente volta a olhar para a programação.

Cliente – Nas Seychelles...

Rececionista – Quando as coisas correm mal, correm mesmo mal. (*Abre uma gaveta, tira uma caixa de comprimidos e pousa-a no balcão.*) Tome, são soníferos. Tome dois.

Cliente – Não sei se chega...

Rececionista – Se não chegar, tome a caixa toda.

Cliente – Deus lhe pague. Se não tivesse tido a sorte de encontrar alguém tão simpático, não sei onde teria passado a noite...

Rececionista – Debaixo de uma ponte, provavelmente.

Cliente – Devia ter escolhido alguém como a senhora para testemunha. Sabe o que se diz: é nos momentos difíceis que se conhecem os amigos.

Rececionista – Claro...

Cliente – Quer ser minha amiga?

Rececionista – O elevador é por ali. Agora ponha-se a andar antes que eu mude de ideias...

4. Inseticida

Um homem e uma mulher estão sentados lado a lado. Ele faz palavras cruzadas. Ela observa qualquer coisa na própria mão. Ele repara.

Homem – O que estás a ver?

Mulher – Uma formiga.

Homem – A casa continua cheia de formigas. Pus-lhes veneno, mas parece que não gostam.

Mulher – E ainda por cima era suposto gostarem?

Homem – O produto! Parece que não as atrai...

Mulher – Espero que não atraia o gato. Aquele gato é tão estúpido.

Homem – Está dentro de uma caixinha com aberturas a toda a volta. Supostamente elas entram, comem o veneno e levam-no para o formigueiro para envenenar as outras todas.

Mulher – Genial...

Homem – Pois... Passam diante da caixa. Algumas param para olhar, mas não entra nenhuma.

Mulher – Se se recusam a colaborar...

Homem – Sobretudo porque aquela armadilha de merda não foi nada barata.

Mulher – Se calhar as formigas não são assim tão estúpidas, afinal. Talvez quem tenha caído na armadilha tenhas sido tu.

Homem – Pois...

Mulher – E o que é que essas formigas te fizeram exatamente? Quero dizer... a ti, pessoalmente.

Homem – Não sei... Formigas dentro de casa... Não dá uma grande sensação de limpeza, pois não?

Ela continua a observar a formiga.

Mulher – Esta, pelo menos, parece estar em ótima forma.

Homem – Ainda bem para ela.

Mulher – Até parece que tem consciência de ter escapado por pouco a um genocídio.

Homem – Acho que, neste caso, se diria antes um inseticídio.

Mulher – Ou um formicídio. (*Observa a formiga.*) Pergunto-me se as formigas têm vida privada...

Homem – Vida privada? Queres dizer... como nós? Depois de um dia de trabalho, voltam para casa, veem um bocado de televisão e vão dormir? Para estarem em forma e voltarem ao trabalho no dia seguinte...

Mulher – Será que têm alguma existência individual, ou cada formiga não passa de uma simples engrenagem do formigueiro? Uma peça sobresselente, por assim dizer...

Homem – Acho que foi Descartes que falou dos animais-máquina.

Mulher – O que prova que os filósofos dizem muita porcaria. Penso, logo existo... Que grande descoberta...

Homem – Tens razão. O facto de uma formiga não pensar não quer dizer que não exista...

Ela olha para a formiga que tem na mão.

Mulher – E depois, como é que podemos ter a certeza de que esta formiga não pensa? Não estamos dentro da cabeça dela...

Homem – Ainda consigo acreditar que aquele gato estúpido pense em alguma coisa de vez em quando. Em comer, por exemplo. Mas um inseto...

Mulher – Achas que um inseto não pensa?

Homem – É por isso que não temos escrúpulo nenhum em exterminá-los, não é? Imagina ires a uma drogaria pedir um produto para envenenar os pássaros porque encham a esplanada de cocó.

Mulher – Não.

Homem – Com as formigas nem sequer é preciso apresentar um motivo para comprar alguma coisa para as exterminar. O veneno vende-se livremente. Até fazem publicidade na televisão. Neste caso, o produto não parece muito eficaz, mas enfim...

Mulher – É verdade. Temos mais empatia pelos pássaros, que descendem dos dinossauros, do que pelas formigas, apesar de elas também serem animais sociais, como nós...

Homem – De qualquer forma, voltando à tua pergunta, os pássaros têm certamente vida privada. Na primavera procuram um parceiro, vivem juntos num ninho, criam os filhos em conjunto...

Mulher – E seria essa visão antropomórfica dos pássaros que explica que os protejamos, enquanto massacrados formigas sem pensar duas vezes?

Homem – Não são só as formigas. Também esmagamos moscas e mosquitos com total impunidade e um prazer bastante sádico.

Mulher – E esses nem sequer são animais sociais.

Homem – Não, os insetos... Tirando as abelhas, porque fazem mel...

Mulher – Consideramos que os insetos são completamente desprovidos de sensibilidade.

Homem – Também é verdade que uma barata não é propriamente carinhosa, e nunca se viu ninguém ter um escaravelho como animal de estimação. Uma cobra ou um réptil, ainda vá. Mas um inseto, nunca.

Ela volta a olhar para a mão.

Mulher – A sacana picou-me...! Que ingrata. E eu que estava a tentar ser um bocadinho compreensiva com a espécie dela.

Esmaga a formiga dando uma palmada na própria mão.

Homem – Ah... O teu primeiro formicídio... Vais ver, o que custa é dar o primeiro passo.

Mulher – Devia ser uma formiga-vermelha.

Homem – Pronto... Nem com as formigas conseguimos evitar discriminar.

5. Relatividade

São Pedro, de túnica e com uma grande chave à cintura, está diante de um homem (ou uma mulher) vestido com toga de advogado.

São Pedro – Muito bem, estamos aqui para decidir sobre a admissão no paraíso de um certo... Albert Einstein.

Advogado – Exatamente.

São Pedro – Para que ambas as partes sejam ouvidas, eu farei de advogado do diabo...

Advogado – Então eu defenderei a causa do senhor Einstein.

São Pedro – Muito bem, vejamos... *(Dá uma vista de olhos a um volumoso processo.)*
Ah, sim, é um caso bastante complexo...

Advogado – Anexeï todas as suas publicações científicas. Há de concordar que, neste caso, é difícil separar o homem da sua obra.

São Pedro – Sem dúvida. Mas nem o senhor nem eu temos competência para avaliar esses trabalhos de investigação. Portanto, fiquemo-nos pelo essencial: durante a vida, o senhor Einstein fez mais bem do que mal?

Advogado – A teoria da relatividade é dele.

São Pedro – A questão é saber se merece o paraíso, não se merecia o Prémio Nobel da Física.

Advogado – Sem entrarmos em pormenores científicos que nos ultrapassariam, temos de reconhecer que as suas descobertas permitiram à humanidade dar um grande salto em frente.

São Pedro – Voltaremos a esse ponto, porque merece, no mínimo, ser discutido. Mas diga-me... Einstein é um apelido judeu.

Advogado – De facto... mas o senhor Einstein não era praticante.

São Pedro – Ainda assim, seria mais lógico ir bater à porta do paraíso dos judeus.

Advogado – E foi precisamente o que fez... assim que morreu.

São Pedro – E?

Advogado – Está há mais de cinquenta anos numa longa discussão com o rabino que o recebeu.

São Pedro – Para saber se é digno de entrar no paraíso?

Advogado – Ao que parece, ainda não chegaram a essa fase do debate... Por enquanto, o rabino consulta a Torá para saber se o paraíso existe realmente para os judeus e, em caso afirmativo, qual poderá ser a sua natureza.

São Pedro – Estou a ver...

Advogado – O meu cliente começa a ficar um pouco impaciente e decidiu tentar a sorte consigo.

São Pedro – Um plano B, por assim dizer...

Advogado – Digamos que... como cientista, o senhor Einstein estuda todas as opções. E chegou à conclusão de que o paraíso católico é muito mais tangível do que o dos judeus.

São Pedro – O senhor também é judeu, suponho.

Advogado – Não praticante, esteja descansado. Tal como o meu cliente, aliás...

São Pedro – Está a colocar-me numa situação um pouco delicada.

Advogado – O seu paraíso não está explicitamente reservado aos católicos, pois não? Todos os homens de boa vontade são bem-vindos...

São Pedro – De facto... Mas para entrar no paraíso é preciso, antes de mais, acreditar nele. Ora, pode dizer-se que o senhor Einstein era um ateu convicto. Fosse qual fosse a religião...

Advogado – Ateu... é uma palavra muito forte. Eu diria antes agnóstico.

São Pedro – Deixe-me ler-lhe o que escreveu numa das suas cartas: «A palavra Deus não é para mim mais do que a expressão e o produto das fraquezas humanas; a Bíblia, uma coleção de lendas, sem dúvida honrosas, mas primitivas e bastante pueris. Nenhuma interpretação, por mais subtil que seja, pode, na minha opinião, mudar isso.» Não acha que um homem que diz uma coisa destas pode ser qualificado de ateu?

Advogado – No entanto, Einstein definia-se a si próprio como «um não crente profundamente religioso».

São Pedro – Em 1929, quando um rabino lhe perguntou se acreditava em Deus, Einstein respondeu: «Acredito no Deus de Spinoza, que se revela na ordem harmoniosa de tudo o que existe, e não num Deus que se preocupa com o destino e os atos dos seres humanos.»

Advogado – É um facto que Deus, desde que expulsou as suas criaturas do jardim do Éden, concedendo-lhes assim a liberdade e a responsabilidade pelos seus atos, intervém muito pouco nos assuntos humanos.

São Pedro – Está a esquecer-se de Jesus Cristo...

Advogado – Einstein não punha em causa a sua existência e tinha por ele a maior admiração. Mas há de reconhecer que, desde a morte de Jesus, à parte um ou outro milagre de vez em quando, Deus se tem mantido muito discreto.

São Pedro – Concedamos a Einstein o benefício da dúvida em matéria de fé... e examinemos as consequências concretas das suas descobertas científicas.

Advogado – Não se pode negar que são imensas. Einstein é considerado o maior génio do século XX. Revolucionou literalmente a nossa conceção do universo.

São Pedro – Também tem os seus detratores... Alguns afirmam que se limitou a popularizar o trabalho de predecessores menos ilustres; outros dizem que foi a mulher que lhe inspirou a célebre teoria...

Advogado – Também se diz que Corneille escreveu as peças de Molière e Marlowe as de Shakespeare...

São Pedro – Não seria a primeira vez na História que um homem se apropriava do génio da mulher... Mas não me compete julgá-lo. Por isso falei das consequências das suas descobertas e não das descobertas em si.

Advogado – Aí não há discussão, se me permite. Sem ele, não haveria televisão de alta definição nem GPS.

São Pedro – A televisão e o GPS tornaram os seres humanos melhores? Essa é a questão.

Advogado – Também inventou um dos primeiros protótipos de frigorífico.

São Pedro – Alguns diriam, sobretudo, que ajudou a abrir caminho à bomba atómica.

Advogado – Não participou ativamente no Projeto Manhattan, que viria a culminar na criação da primeira bomba nuclear.

São Pedro – Mas foi ele que, numa carta ao presidente Roosevelt, lhe aconselhou que lançasse o projeto sem demora.

Advogado – Apenas para se antecipar aos nazis na procura da arma absoluta.

São Pedro – Admitamos...

Advogado – Um cientista não pode ser responsabilizado pelo uso mal-intencionado das suas descobertas. Tal como Deus, que criou o Homem, não é responsável pelas suas más ações.

Pausa.

São Pedro – A sua vida privada, em contrapartida, não joga propriamente a seu favor... Era um mulherengo...

Advogado – Ninguém é perfeito...

São Pedro – Divorciado.

Advogado – Não creio que a Igreja continue a proibir a entrada no paraíso aos divorciados.

São Pedro – Voltou a casar com a própria prima.

Advogado – A Igreja também não o proíbe expressamente.

São Pedro – Mau pai...

Advogado – Era um homem muito ocupado... inteiramente dedicado ao seu trabalho.

São Pedro – Nem sequer se sabe o que aconteceu à sua primeira filha.

Advogado – Todo o homem tem as suas fraquezas... Mas não se podem negar os seus compromissos: a favor do pacifismo, contra o racismo...

São Pedro – Socialista, sionista... Não entremos por aí, senão isto levar-nos-ia muito longe.

Advogado – Mas temos de tomar uma decisão...

São Pedro – Tem razão... Façamos então uma pergunta simples: o mundo teria sido melhor ou pior sem Albert Einstein?

Advogado – Tendo em conta que tudo isso é muito relativo...

Momento de perplexidade. Os dois folheiam os processos, sem grande convicção.

São Pedro – Está um calor aqui...

Advogado – E ainda só estamos em abril...

São Pedro – O inferno é mesmo ao lado e está muito mal isolado. Mas posso oferecer-lhe qualquer coisa para beber, se quiser...

Advogado – Com todo o gosto.

São Pedro sai por um instante e regressa com duas garrafas de Corona.

São Pedro – Tome.

Advogado – Cerveja? No paraíso...?

São Pedro – É no Islão que o álcool é proibido...

Advogado – Com álcool ou sem álcool, o importante é estar bem fresca.

Bebem com evidente satisfação.

São Pedro – Então, o que fazemos com o seu Albert Einstein? Judeu, ateu, aprendiz de feiticeiro, misógino, possível plagiador e seguramente um maroto... Há de reconhecer que, para se candidatar ao paraíso, o currículo não joga muito a favor dele.

Advogado – Não era santo, é certo, mas... também não era o diabo.

Bebem outro gole.

São Pedro – Disse que ele tinha inventado o frigorífico?

Advogado – De qualquer forma, pode dizer-se que foi um precursor nessa área. Até registou uma patente.

São Pedro – Portanto, de certa maneira, é graças a ele que hoje podemos beber uma boa cerveja bem fresca...

Advogado – É menos glorioso do que ser o autor da famosa fórmula $E = mc^2$, mas pelo menos é mais concreto.

São Pedro – Então vamos arranjar-lhe um lugar no paraíso como inventor do frigorífico.

Advogado – Uma decisão sensata.

São Pedro rubrica um documento e entrega-lho.

São Pedro – Já agora, o que quer dizer exatamente $E = mc^2$? Nunca percebi muito bem.

Advogado – Em termos simples, é o princípio da equivalência entre massa e energia. Em determinadas circunstâncias, a massa transforma-se em energia e vice-versa. No fundo, substitua o E por energia divina e tem, por assim dizer, a prova da existência de Deus.

São Pedro – Também não exagere...

Advogado – Tem razão... Uma boa cerveja bem fresca: isso sim, é a prova de que Deus existe.

São Pedro – Já que a decisão está tomada, mande-o entrar. Vamos brindar com ele...

Advogado – Vai ver, é um homem que vale a pena conhecer.

6. Kushim

Entra um homem pré-histórico. Veste apenas uma pele de animal e leva um machado de sílex na mão. Senta-se numa pedra para descansar e acaba por adormecer um pouco. Num clarão, aparece uma mulher com um fato futurista e uma pistola laser à cintura. O homem pré-histórico, naturalmente surpreendido e na defensiva, levanta-se brandindo o machado.

Mulher – Não se preocupe, meu caro. Não lhe quero fazer mal nenhum.

Homem – Quem és tu, estrangeira? O que vens fazer aqui?

Mulher – Sou uma viajante no tempo. Sim, eu sei que não percebe muito bem o que isso quer dizer. É normal.

Homem – Uma viajante?

Mulher – No tempo, sim. Como é que lhe hei de explicar...? Venho do futuro, se preferir.

Homem – O futuro? O que é isso? Fica longe? Para lá das montanhas?

Mulher – Claro... Como é que um homem pré-histórico poderia compreender o conceito de futuro? Precisamente o que o caracteriza é ainda não ter entrado na História.

Homem – A história? Que história?

Mulher (*para si*) – Meu Deus... Isto não vai ser fácil... (*Ao homem.*) O futuro, meu caro! Amanhã, por exemplo, é o futuro, percebe? Eu vivo no futuro e... vim fazer-lhe uma pequena visita. Para ver como era a vida aqui na Idade da Pedra.

Homem – A idade de uma pedra? Como queres que eu saiba quantos anos tem uma pedra?

Mulher – Não, a Idade da Pedra... Quero dizer, a pré-história. É que vocês não nos deixaram nenhum relato daquilo que viveram. Porque ainda não conhecem a escrita.

Homem – O que é a escrita?

Mulher – A escrita é... É um pouco como os desenhos que fazem nas paredes das cavernas. Só que não representam nada. Mas mesmo assim querem dizer alguma coisa.

Homem – Desenhos que não representam nada? E o que poderiam querer dizer?

Mulher – Querem dizer... a mesma coisa que quando falamos.

Homem – Se é a mesma coisa que quando falamos, para que serve?

Mulher – Para que se lembrem de vocês! Quando já não puderem falar. Quero dizer, quando estiverem mortos...

Homem – Eu lembro-me muito bem das pessoas que morreram... Das que conheci, pelo menos. Das outras...

Mulher – Sabe uma coisa? Vamos esquecer a escrita, porque assim nunca mais saímos daqui. Portanto, antes de me materializar diante de si, eu vivia no futuro. E o futuro é... amanhã, se preferir.

Homem – Amanhã?

Mulher – Sim, bem, amanhã... muitos amanhã, claro. Digamos uns milhões, percebe?

Homem – Não.

Mulher – Muito bem... Vamos abordar a questão de outra maneira. Antes de usar esse machado de pedra, como fazia para caçar?

Homem – Não sei.

Mulher – Caçava com as mãos, suponho. E antes de dominar o fogo, como comia a carne?

Homem – Não sei.

Mulher – Crua! Isso é o passado. Quando era um macaco. O presente é agora. Usa armas de pedra e cozinha a carne. Amanhã vai substituir o machado de pedra por uma espingarda de caça e o fogo por um forno elétrico. Isso é o futuro. Percebe o que quero dizer?

Homem – Não.

Mulher – O futuro é o progresso. E quando tiver progredido muito, mas mesmo muito... (*Aponta para si própria.*) vai ficar assim.

Homem – E isto é o progresso?

Mulher – Bem... Claro que é! Não salta à vista?

Homem – Não.

Mulher – Enfim, como estava a dizer, sabemos muito pouco sobre si e sobre os seus contemporâneos da pré-história. Nenhum dos vossos nomes chegou até nós. Como é que se chama?

Homem – Kevin.

Mulher – Ah, sim... Em todo o caso, o nome de nenhum Kevin ficou gravado na memória durante a pré-história. E sabe porquê?

Homem – Não.

Mulher – Porque nenhum desses nomes foi alguma vez escrito durante esse longuíssimo período. Sabe qual é o primeiro nome humano a ter ficado literalmente gravado na memória da humanidade?

Homem – Não.

Mulher – Kushim. Na verdade, nem sequer sabemos se era um homem ou uma mulher. Em contrapartida, sabemos qual era a sua profissão.

Homem – Qual era?

Mulher – Contabilista. Kushim deixou o seu nome numa tabuinha de argila encontrada na Mesopotâmia. Uma tabuinha do quarto milénio antes de Jesus Cristo.

Homem – Jesus Cristo?

Mulher – Bem, isso conto-lhe noutra dia... Mas está a ver: a primeira celebridade da História não foi um rei, nem um guerreiro, nem um poeta, mas um contabilista. Não assinou uma grande epopeia nem um livro sagrado, mas uma fatura de uma entrega de cereais.

Homem – O que é uma fatura?

Mulher – Pois... *(Para si própria ou para o público.)* Não é fácil conversar com alguém que não tem rigorosamente as mesmas referências que nós... O que faz na vida, meu caro?

Homem – Sou caçador-recoletor.

Mulher – Claro.

Homem – E tu?

Mulher – Eu? Sou investigadora. Especialista em pré-história. Agora que podemos viajar no tempo, posso investigar diretamente no terreno. Portanto, se me permite, vou fazer-lhe algumas perguntas. É para a minha tese.

Homem – Está bem.

Mulher – Primeiro, algumas perguntas sobre o seu estado civil. Vejamos... Nome: Kevin. Data de nascimento: vou deixar em branco. Profissão: caçador-recoletor. Casado?

Homem – Casado?

Mulher – Há uma... senhora Kevin? *(O homem parece não perceber.)* Tem mulher?

Homem – Tinha duas, mas na semana passada um urso comeu uma, e a outra foi-se embora com um caçador que trazia mais caça para a caverna do que eu. Depois encontrei outras duas perdidas na floresta, dei-lhes uma pancada na cabeça e levei-as para casa. Parece que estão satisfeitas...

Mulher – Vou assinalar viúvo, separado... e união de facto. Muito bem, passemos ao seu modo de vida. Como é um dia normal para si, meu caro?

Homem – De manhã levanto-me com o sol e vou tomar banho ao rio. Depois vou caçar com os amigos. Quando voltamos, fazemos carne grelhada. Uma sesta depois de comer com as minhas duas mulheres. À tarde vamos pescar um bocado. E à noite contamos histórias à volta da fogueira...

Mulher – Bem... Isso parece umas férias de sonho. Quase me apetece ficar. *(Ouve-se um pequeno sinal de alerta. Ela consulta o ecrã do seu dispositivo e volta a olhar para o interlocutor.)* Infelizmente, a minha vida é um pouco mais complicada. Tenho de ir embora, mas volto, prometo.

Homem – Está bem... E se quiseses ser a minha terceira mulher...

Mulher – Vou pensar nisso... Mas agora, para não correr o risco de alterar o curso da História, vou expô-lo com esta pistola a uma descarga de radiação que o fará esquecer por completo esta conversa. Não se preocupe, não é perigoso e é absolutamente indolor.

Ela tira a pistola. Ele observa-a com curiosidade e, com um gesto brusco, consegue arrancar-lha das mãos e aponta-a à dona.

Homem – É uma arma nova para caçar?

Mulher – Não exatamente. Mas cuidado, é preciso saber usá-la. Dê-me isso...

O homem pré-histórico puxa o gatilho. Um clarão sai do cano e paralisa a mulher durante alguns instantes. Quando volta a mexer-se, parece completamente desorientada.

Mulher – Olá... Mas o que estou eu aqui a fazer? E, para começar, quem é o senhor?

Homem – Chamo-me Kevin. E tu?

Mulher – Não me lembro de nada... Nem sequer do meu nome... Sabe como me chamo?

Homem – Vamos chamar-te Kushim.

Mulher – Kushim?

Homem – Bem-vinda à pré-história, Kushim.

Mulher – O que é a pré-história?

Homem – Bem... a pré-história é agora.

Mulher – Está bem... E o que faz na vida, Kevin?

Homem – Sou caçador-recolector. Também pesco um bocado. E tu, o que sabes fazer exatamente?

Mulher – Nada... Ah, sim, acho que sei contar. E escrever também.

Homem – O que queres contar?

Mulher – Não sei... Podia contar os animais que trazem da caça e os peixes que pescam.

Homem – Para que serve isso?

Mulher – Não sei. De qualquer forma, é a única coisa que sei fazer.

Homem – Bem, vou falar com os outros. Vem comigo.

Mulher – Vou consigo...

Homem – Se não servires para nada, no pior dos casos podemos sempre comer-te.

Mulher – Um bom contabilista faz sempre falta, sabe? Vai ver, vou mudar-vos a vida.

Homem – Achas?

Mulher – Tenho a certeza. Vai ver, vou fazer-vos entrar na História.

Homem – A História? Espero que não seja nenhuma burla...

7. Contracampo

O palco está vazio, à exceção de um quadro apoiado na parede do fundo, do qual só se vê a parte de trás. O primeiro gendarme está em cena, a consultar as suas notas. Entra o segundo. Os dois gendarmes podem ser, indiferentemente, homens ou mulheres.

Gendarme 2 – Que tempo estranho para o mês de julho, não acha?

Gendarme 1 (*distraído*) – Sim... Um tempo de dar vontade de uma pessoa se suicidar...
O outro olha para ele, surpreendido.

Gendarme 2 – É pleno dia e parece que é de noite...

Gendarme 1 – Um pouco como este caso sombrio. Tudo parece simples, mas nada é claro.

Gendarme 2 – Muito bem, então o que aconteceu aqui?

Gendarme 1 – Um suicídio, ao que parece. Um pobre desgraçado que terá dado um tiro no coração.

Gendarme 2 – E morreu.

Gendarme 1 – Sim... mas não imediatamente.

Gendarme 2 – Ora essa...

Gendarme 1 – Ficou apenas ferido. Teve tempo de regressar ao quarto no sótão que alugava nesta estalagem e só morreu no dia seguinte. Ou seja, hoje.

Gendarme 2 – Conseguiu recolher o depoimento dele?

Gendarme 1 – Fiz-lhe algumas perguntas, mas já estava mais ou menos inconsciente. Ou então não lhe apetecia abrir-se com um gendarme.

Gendarme 2 – Devia ter-se feito passar por padre, ouvido a confissão e dado a extrema-unção. Estou a brincar... Conseguiu arrancar-lhe alguma coisa, apesar de tudo?

Gendarme 1 – Perguntei-lhe se tinha tentado suicidar-se. Respondeu... «Acho que sim».

Gendarme 2 – «Acho que sim»?

Gendarme 1 – «Acho que sim».

Gendarme 2 – Foi tudo?

Gendarme 1 – Não. Acrescentou: «Não acuse mais ninguém».

Gendarme 2 – É estranho, de facto. Mas enfim. Confirmou que se tratava de um suicídio.

Gendarme 1 – Sim.

Gendarme 2 – Nesse caso... já não temos nada a fazer aqui.

Gendarme 1 – Suponho que não.

Gendarme 2 – Não parece muito convencido. Se aquele pobre homem disse que se tinha suicidado, não temos razão para pôr a palavra dele em causa.

Gendarme 1 – Não, claro.

Gendarme 2 – Porque haveria ele de dizer que se tinha suicidado, se não fosse verdade?

Gendarme 1 – Para proteger alguém, talvez...

Gendarme 2 – Quer dizer... o assassino?

Gendarme 1 – Não sei. Mas desconfio das aparências.

Gendarme 2 – Aqui não estamos a falar de simples aparências, mas de uma confissão... A confissão da vítima. Ou do culpado, se preferir. É bastante raro um suicida poder confirmar que foi o autor do próprio homicídio.

Gendarme 1 – Sim, provavelmente tem razão.

Gendarme 2 – Encontraram a arma do crime? Quer dizer, a arma que terá servido para...

Gendarme 1 – Não. Ao que parece, era um revólver que tinha roubado a alguém. Uma arma bastante rudimentar.

Gendarme 2 – Não admira que tenha falhado.

Gendarme 1 – É curioso... Sabe quais foram as últimas palavras dele?

Gendarme 2 – Para um suicida, era bastante falador... Então, o que disse?

Gendarme 1 – «Falhei outra vez».

Gendarme 2 – «Falhei outra vez»?

Gendarme 1 – Foi o que disse ao irmão, que tinha vindo de Paris para o acompanhar nos últimos momentos. Imagino que quisesse dizer que, na vida, tinha falhado em tudo. Até no suicídio.

Gendarme 2 – E diz que regressou ao quarto depois do disparo. Então onde é que ocorreu esse alegado suicídio?

Gendarme 1 – Num campo.

Gendarme 2 – Num campo?

Gendarme 1 – Num campo de trigo, sim.

Gendarme 2 – E acha que esse pormenor pode ter importância?

Gendarme 1 – Que pormenor?

Gendarme 2 – Primeiro disse um campo. Depois especificou que era um campo de trigo.

Gendarme 1 – Ah, sim... Bem... não. Disse por dizer.

Gendarme 2 – Aliás, como é que sabe que era um campo de trigo e não um campo de batatas, por exemplo?

Gendarme 1 – Já vai ver...

Vira o quadro, do qual até então só se via a parte de trás. Trata-se de Campo de Trigo com Corvos, o último quadro de Vincent Van Gogh. À escolha da encenação, o primeiro gendarme pode limitar-se a mostrar o quadro ao segundo, sem que o público veja a parte pintada da tela.

Gendarme 2 – Mas que raio é esta monstruosidade?

Gendarme 1 – O último quadro dele.

Gendarme 2 – Então esse vagabundo pintava quadros?

Gendarme 1 – Sim... Era conhecido como pintor.

Gendarme 2 – Mas não era um pintor conhecido?

Gendarme 1 – Não. Quero dizer que era conhecido por ser pintor. Era a profissão dele. Mas não creio que fosse um pintor conhecido. Se fosse, não teria acabado os dias naquela miséria.

O outro examina o quadro.

Gendarme 2 – Tem razão, é mesmo um campo de trigo. Reparou noutros indícios neste quadro que possam ajudar na investigação?

Gendarme 1 – Que espécie de indícios se podem encontrar num quadro?

Gendarme 2 – Não sei... Podia ter pintado o assassino. Enquanto se aproximava dele vindo do outro extremo do campo.

Gendarme 1 – Pelos vistos, não teve tempo.

Gendarme 2 – Mas teve tempo de pintar os corvos.

Gendarme 1 – Então teríamos de interrogar os corvos. De certeza que viram tudo.

Gendarme 2 – Houve autópsia?

Gendarme 1 – O médico dele examinou o cadáver.

Gendarme 2 – O médico dele? Estou a ver... Uma autópsia um pouco caseira, portanto. E o que diz o nosso médico-legista amador?

Gendarme 1 – Segundo ele, o tiro foi dirigido ao coração, mas a bala desviou-se ao bater numa costela e acabou no abdómen.

Gendarme 2 – Um tiro à queima-roupa?

Gendarme 1 – É médico homeopata, sabe? Não é especialista em balística. Não podemos tirar conclusões definitivas das declarações dele...

Gendarme 2 – Um caso bastante sombrio, sem dúvida. Tão sombrio como o céu que pintou neste quadro pouco antes de levar o tiro.

Gendarme 1 – Para dizer a verdade, nem sequer temos a certeza de que o drama tenha acontecido realmente neste campo de trigo.

Gendarme 2 – Portanto, nenhuma testemunha direta.

Gendarme 1 – Tirando os corvos? Não, nenhuma testemunha. Apenas rumores.

Gendarme 2 – Que espécie de rumores?

Gendarme 1 – Sobre dois arruaceiros. Dois irmãos. Filhos de uma família respeitável que passam aqui as férias. Ao que parece, tinham feito daquele homem o alvo das suas provocações e podem tê-lo matado por acidente ao tentar recuperar a arma que ele lhes tinha roubado.

Gendarme 2 – Mas ele afirmou que se tinha suicidado. Porque haveria de tentar ilibar quem o atormentava?

Gendarme 1 – Não sei... Por caridade cristã, talvez.

Gendarme 2 – Pois...

Gendarme 1 – Então o que fazemos?

Gendarme 2 – Resumindo: temos um vagabundo que morre com uma bala no peito dois dias depois de a levar, sem sabermos exatamente onde nem quando. Também não sabemos quem disparou, nem com que arma. Portanto, pode tratar-se de um suicídio, mas também de um homicídio ou de um acidente.

Gendarme 1 – Sim, é mais ou menos isso.

O outro pensa por um instante enquanto examina o quadro.

Gendarme 2 – O homem que pintou isto devia estar mesmo muito deprimido, não acha?

Gendarme 1 – Sem dúvida.

Gendarme 2 – Porque não damos como válida a hipótese do suicídio, que parece convir a toda a gente?

Gendarme 1 – E depois, um artista maldito que se suicida... é romântico. Talvez até ajude a criar a lenda dele.

Gendarme 2 – Acredite, daqui a uma semana toda a gente terá esquecido até o nome daquele vagabundo. Como é que ele se chamava, já agora?

O outro consulta um papel.

Gendarme 1 – Van Gogh.

Gendarme 2 – Van Gogh?

Gendarme 1 – Vincent Van Gogh. Era holandês.

Gendarme 2 – Uma coisa é certa: os quadros dele nunca irão parar a um museu.

Gendarme 1 – Nunca se sabe...

Gendarme 2 – O senhor pendurava isso por cima do aparador da sala de jantar?

Gendarme 1 – Não.

Gendarme 2 – Então vamos embora. Já perdemos tempo suficiente aqui.

8. O desmoronado

Uma mulher está em cena. Entra um homem.

Mulher – Bom dia, como está?

Homem – Quer mesmo saber como estou?

Mulher – Sim, claro... Bem, não, disse isso por delicadeza, mas... Porquê? O que se passa?

Homem – O que se passa? A sorte está lançada, minha senhora. Já não há volta a dar. O processo de desmoronamento global já começou.

Mulher – O desmoronamento? O desmoronamento de quê?

Homem – O nosso próprio desmoronamento! O desmoronamento da nossa civilização! Se é que se pode chamar civilização a isto...

Mulher – Ah, sim... A nossa civilização... Assustou-me. Pensei que estivesse a falar do seu telhado. Ou do meu.

Homem – Mas é exatamente isso! A casa está a arder e o teto está prestes a cair-nos em cima.

Mulher – Está bem... Mas tirando isso, está tudo bem?

Homem – A senhora acha que está tudo bem?

Mulher – Continuo com os meus problemas de alergia, mas enfim... Também não é o fim do mundo.

Homem – Pois é precisamente isso. É o fim do mundo!

Mulher – O senhor também tem problemas de alergia?

Homem – Tenho. Sou alérgico a esta sociedade, que está a cavar a própria sepultura com os dentes enquanto devora, dia após dia, todos os recursos do planeta.

Mulher – Claro...

Homem – Já ouviu falar da desflorestação?

Mulher – Da desfloração? O que quer que lhe diga...? Um dia temos de perder a virgindade. Eu tinha quinze anos quando me aconteceu. Foi com um amigo da minha mãe e... Mas porque é que me está a falar disso?

Homem – As florestas! Estou a falar das florestas. Ou do que resta delas. Da desflorestação! Sabe do que estou a falar, não sabe?

Mulher – Sim, quer dizer... por alto...

Homem – A cada segundo que passa, a floresta amazónica perde uma superfície equivalente a um campo de futebol.

Mulher – Ah, sim... São muitos campos de futebol.

Homem – Sessenta por minuto. Três mil e seiscentos por hora. Trinta e um milhões quinhentos e trinta e seis mil por ano.

Mulher – Bem... Ainda vamos ter futebol na televisão durante muito tempo. Foi por isso que cancelei a minha assinatura do Canal+. Só dá futebol. O senhor gosta de futebol?

Homem – Detesto futebol.

Mulher – Bem, a Amazónia fica longe. E além disso os brasileiros adoram futebol, não é?

Homem – A Amazónia, minha senhora, é o pulmão do nosso planeta. Quando a floresta amazónica tosse, o mundo inteiro se constipa.

Mulher – Os meus pulmões são alérgicos ao pólen das árvores. Portanto, se houvesse menos umas quantas árvores no planeta, provavelmente até respirava melhor. Já pedi à minha vizinha para podar um pouco os plátanos, mas ela não quer saber. O que quer que eu faça? Se fosse uma cadela a ladrar demasiado, podia sempre atirar-lhe uma almôndega com arsénico. Mas uma árvore... O que é que se pode fazer contra uma árvore? Não posso envenená-la. Refiro-me à árvore, não à minha vizinha. Embora... pudesse oferecer-lhe uma maçã envenenada. Tenho uma macieira no jardim.

Homem – E do aquecimento global, já ouviu falar?

Mulher – É verdade que, nos últimos anos, temos tido uns outonos ótimos. No ano passado só liguei o aquecimento em outubro. Ao preço a que está o gasóleo de aquecimento, sempre se poupa algum dinheiro...

Homem – E o trabalho infantil?

Mulher – Ah, sim, isso é que é um problema a sério. Revolta-me. Tenho sete netos e, infelizmente, não tenho a certeza de que vão encontrar trabalho quando acabarem os estudos.

Homem – E o bem-estar animal?

Mulher – Quem abandona o gato numa área de serviço quando vai de férias devia ser castrado. Bem, eu mandei castrar o meu, mas foi numa clínica veterinária. Não imagina o que estes bichinhos custam. Aliás, até fiz um seguro para ele...

Homem – Estou a falar dos matadouros, minha senhora!

Mulher – Os matadouros... Tem razão... Na semana passada vi uma reportagem na televisão. Dá pena ver aquela pobre gente a trabalhar ali numa linha de abate o dia inteiro. Cobertos de sangue. Por um salário miserável. Francamente, tenho pena deles. Claro que, se quisermos comer um bom bife de vez em quando... Eu digo que os matadouros são como os hospitais. Deviam ser considerados um serviço público. Aquela gente é muito mal paga. Já ninguém quer trabalhar num matadouro... Com o desemprego que há em França. O senhor trabalhava num matadouro, mesmo que fosse bem pago?

Homem – O que estou a tentar explicar-lhe, minha senhora, é que vamos todos morrer...

Mulher – E eu concordo inteiramente consigo! É o que digo sempre à minha mãe. A minha mãe tem noventa e dois anos. Vamos todos morrer, portanto, enfim, seja disto ou de outra coisa. Não vale a pena privarmo-nos. Porque à minha mãe, se lhe tirarem o maço de cigarrilhas todos os dias e o copinho de rum depois de cada refeição... Acho que isso é que a matava. O senhor fuma?

Homem – Não.

Mulher – Faz muito bem. Também não bebe, suponho.

Homem – Também não.

Mulher – No lar chamam-lhe Fidel.

Homem – Fiel?

Mulher – Como Fidel Castro! Por causa dos charutos e do rum. Talvez também um bocadinho por causa da barba... O senhor tem mãe?

Homem – Não.

Mulher – Toda a gente tem mãe, não?

Homem – A minha morreu na semana passada de um vírus informático.

Mulher – Um vírus informático?

Homem – Um vírus que, a partir de um computador australiano, sofreu uma mutação para se adaptar ao avestruz e depois se transmitiu aos seres humanos. Sobretudo aos que já tinham tendência para meter a cabeça na areia.

Mulher – Estou a ver. Então era por isso... Bem me parecia que não tinha bom ar.

Homem – Estou desmoronado.

Mulher – Lamento muito. Se puder fazer alguma coisa por si... Mas agora vou ter de o deixar. Tenho de ir dar de comer ao meu gato. Porque ele também, se não tiver a sua dose de carne picada todos os dias... Enfim, tenha um bom dia!

Homem – Igualmente, minha senhora.

9. Ucronia

Um homem e uma mulher estão sentados lado a lado. Ele olha distraidamente para o telemóvel. Ela lê um livro, muito concentrada. Vira a última página, pausa o livro, pensativa, e fica por um instante absorta.

Mulher – Sabias que Cristóvão Colombo nunca soube que tinha descoberto a América?

Homem – Como assim...?

Mulher – Até ao dia da morte, catorze anos depois de ter posto os pés na América e depois de quatro viagens até lá, continuava sem perceber que se tratava de um continente novo. Achava que tinha apenas descoberto uma nova rota marítima para chegar às Índias...

Homem – Ah, sim...

Silêncio.

Mulher – É incrível, se pensarmos nisso...

Homem – Pensar em quê?

Mulher – Em como seria o mundo hoje se Cristóvão Colombo não tivesse descoberto a América...

Homem – O quê?

Mulher – Imagina... A rainha de Espanha recusa-se a financiar aquela expedição arriscada, tal como antes se tinham recusado o rei de Portugal e o de Inglaterra.

Homem – Sim...

Mulher – Ou então ele naufraga, simplesmente.

Homem – E então...?

Mulher – Então não descobre a América! E continuamos sem saber nada uns dos outros até hoje: os ameríndios de um lado do Atlântico e os europeus do outro.

Homem – Pois... sim.

Mulher – Mas percebes as consequências?

Homem – Que consequências?

Mulher – Sei lá... Não haveria Coca-Cola no frigorífico, nem séries americanas na televisão, nem um McDonald's ao virar da esquina...

Homem – Ah, sim...

Mulher – E do outro lado, a mesma coisa. As civilizações pré-colombianas continuam a prosperar. A ilha de Manhattan está coberta de pirâmides em vez de arranha-céus.

Homem – As pirâmides não eram mais para o México?

Mulher – Está bem... de tipis, se preferires.

Homem – Sim, mas se Colombo não tivesse descoberto a América em 1492, outra pessoa teria feito isso um pouco mais tarde, não?

Mulher – Talvez muito mais tarde. Entretanto, os povos indígenas da América também entram na modernidade. Começam a construir navios e... ainda não acabou...

Homem – O quê?

Mulher – São eles que atravessam o Atlântico e descobrem a Europa. São eles que nos colonizam. Dizimam grande parte da população e fecham os restantes em reservas...

Homem – Ah...

Mulher – O Presidente da República é asteca, o primeiro-ministro é inca e os ministros são maias. A língua oficial de França é o quíchua.

Homem – Olha, sabes imenso sobre o assunto.

Mulher – Acabei de ler um livro sobre isso... Consegues imaginar a situação em que estaríamos?

Homem – Estou a tentar...

Momento de intensa reflexão.

Mulher – E com os africanos seria a mesma coisa...

Homem – Os africanos?

Mulher – Imagina que se tivessem desenvolvido um pouco mais depressa do que nós. Nada de escravatura. Ou então somos nós os escravos. São eles que vêm colonizar-nos. O Presidente é negro. Metade dos ministros são magrebins. E o mesmo na polícia. Somos nós que vivemos em bairros sociais nos subúrbios, e são eles que nos pedem os documentos em cada esquina só porque temos a pele demasiado branca.

Ela parece bastante exaltada. Ele olha para ela com alguma preocupação.

Homem – Tens a certeza de que estás bem...?

Ela parece regressar à realidade e tenta recompor-se.

Mulher – Tens razão. Não sei o que me deu.

Homem – É melhor voltarmos a ligar a televisão...

Mulher – Sim, é melhor.

Ele sorri para a tranquilizar. Pega num comando, aponta-o na direção da plateia e carrega num botão.

10. Fantasia

Um homem e uma mulher dormitam lado a lado no que acabará por se revelar serem assentos de avião. O homem vai acordando aos poucos. Espreguiça-se, boceja e olha distraidamente à sua volta, até algo o surpreender. Olha com mais atenção e a surpresa transforma-se em inquietação. Espreita pela janela, o que não o tranquiliza nada. Fixa o olhar na passageira adormecida ao lado, que ressona. Não sabe muito bem o que fazer. Dá-lhe discretamente um toque com o cotovelo e ela também vai acordando pouco a pouco. Ao abrir os olhos, percebe que o vizinho a olha fixamente, o que naturalmente a deixa pouco à vontade.

Homem – Está bem?

Mulher – Hum... sim.

Homem – Está a dormir?

Mulher – Sim... Quer dizer, estou a tentar...

Homem – Portanto agora está acordada. Nisso estamos de acordo.

Mulher – Mas porque é que me pergunta isso?

Homem – Porque estou a perguntar a mim próprio se estou a sonhar. Embora isto fosse mais um pesadelo. Portanto, se a senhora não está a dormir, significa que eu também não...

Mulher – O que se passa consigo?

Homem – O que se passa comigo? Olhe à sua volta...

Ela, ainda meio adormecida, olha à sua volta.

Mulher – O quê? O que aconteceu?

Homem – O que aconteceu? Quando adormeci, este avião estava cheio. Não havia um único lugar vazio. Acordo e só cá estamos nós...

Ela volta a olhar em redor.

Mulher – Tem razão.

Homem – Não percebo...

Mulher – Devemos ter dormido mais tempo do que pensávamos... Se calhar já chegámos ao destino. Como estávamos a dormir, esquecemo-nos de sair. E as hospedeiras não se atreveram a acordar-nos.

Homem – Sim, foi a primeira coisa em que pensei, mas olhe pela janela.

Ela olha.

Mulher (*incrédula*) – Não...

Homem – Continuamos a voar!

Mulher – Acha que o avião pode ter voltado a descolar para outro destino sem ninguém se lembrar de nos acordar?

Homem – Voltado a descolar? Vazio?

Mulher – É verdade, não faz sentido...

Homem – Pois. É precisamente isso que me preocupa.

Mulher – Bem, às vezes os aviões voam sem passageiros. Quando um avaria, por exemplo, mandam outro para ir buscar os passageiros que ficaram apeados.

Homem – Isto não é uma carruagem de metro com dois passageiros que se esqueceram de sair no fim da linha. Estamos num avião. No mínimo, limpam-no antes de voltar a descolar, não? Ter-nos-iam visto.

Mulher – É verdade... Isto é tudo muito estranho... Então, o que fazemos?

Homem – Vou ver.

Mulher – Aonde?

Homem – Ver se encontro uma hospedeira! Para lhe perguntar...

Levanta-se. Ela está cada vez mais inquieta.

Mulher – Vai deixar-me aqui sozinha?

Homem – Tenho de ver se está alguém atrás da cortina...

Mulher – A cortina?

Homem – A cortina que separa a cabina de passageiros das casas de banho e da cabina de pilotagem!

Mulher – Ah, sim... Está bem, fico aqui à sua espera...

Homem – Sim, isso não me preocupa muito... Embora...

Mulher – O quê?

Homem – Já desapareceram mais de trezentos passageiros.

Mulher – Obrigada, deixa-me muito mais tranquila...

Homem – Vou lá.

Dirige-se à cortina ao fundo, levanta-a e desaparece atrás dela. Ela fica cada vez mais angustiada. Olha à sua volta, em pânico. Tira um comprimido da mala e engole-o. Depois toma outro. O homem regressa.

Mulher – Então, o que é que ela disse?

Homem – Quem?

Mulher – A hospedeira.

Homem – Não está lá ninguém.

Mulher – Ninguém? Como assim, ninguém? Tem de haver uma hospedeira.

Homem – Não há hospedeira nem comissário de bordo. Ninguém.

Momento de espanto.

Mulher – Se o avião está a voar vazio, não precisam da tripulação toda. Talvez só estejam a bordo o piloto e o copiloto.

Homem – Sim, também pensei nisso...

Mulher – E...?

Homem – A porta da cabina de pilotagem estava entreaberta. Bati e, como ninguém respondeu, entrei...

Mulher – E então...?

Homem – Quer mesmo saber?

Mulher – Se é aquilo em que estou a pensar, mais cedo ou mais tarde vou acabar por perceber.

Homem – Também não está ninguém na cabina de pilotagem.

Outro momento de espanto.

Mulher – Tem razão. Isto tem de ser um pesadelo... Vamos acordar e...

Homem – Já me belisquei três vezes...

Mulher – Isto não é uma brincadeira, pois não?

Homem – Uma brincadeira?

Mulher – Uma câmara oculta, uma coisa desse género...

Homem – Se é uma câmara oculta, está muito bem escondida. E a tripulação também. Num avião não há assim tantos sítios onde uma pessoa se possa esconder.

Mulher – Meu Deus, então... fomos parar à *Quinta Dimensão*?

Homem – Gostava de a poder tranquilizar, mas infelizmente... não faço ideia do que nos está a acontecer... A menos que estejamos mortos.

Mulher – Desculpe?

Homem – O avião despenhou-se enquanto dormíamos e já estamos no além.

Mulher – Muito bem... Portanto não encontrou nada melhor para me tranquilizar do que dizer que talvez já estejamos mortos...

Homem – Estou tão preocupado como a senhora, acredite.

Mulher – Por outro lado, é verdade. Se já estamos mortos, pelo menos já não podemos morrer outra vez.

Homem – Acha que, quando morremos, acabamos sozinhos num avião sem piloto e sem destino conhecido? E a única coisa de que temos a certeza é que vamos despenhar-nos quando acabar todo o querosene...

Mulher – Nesse caso, seria muito parecido com a vida, não acha?

Homem – E depois não estamos completamente sozinhos, somos dois.

Mulher – Mas o que é que pode ter acontecido? Não podem ter saltado todos de paraquedas.

Homem – E porque é que fariam isso?

Mulher – Tem mesmo a certeza de que não está lá ninguém?

Homem – Vá ver, se quiser, mas não se fazem desaparecer trezentos passageiros e uma tripulação inteira assim sem mais nem menos.

Mulher – Então, o que fazemos?

Homem – O que quer que façamos? Sabe pilotar um Airbus?

Mulher – Eu mal sei conduzir o meu Twingo.

Homem – Para além de esperar que o querosene acabe...

Mulher – Quanto tempo acha que nos resta?

Homem – Já estamos a voar há bastante tempo. E isto não é um voo de longo curso. Diria uma hora, no máximo.

Silêncio pesado.

Mulher – Não sei muito bem como lhe dizer isto, mas...

Homem – Sim?

Mulher – Não, a sério, é um pouco embaraçoso...

Homem – Diga. Sobretudo se estiver a pensar na mesma coisa que eu...

Mulher – Está a dar-me vontade de...

Homem – A mim também... (*Momento de embaraço.*) Mas quando diz... quer dizer comigo, por acaso?

Mulher – Também não tenho muitas outras opções, pois não...? E depois sempre sonhei fazer isso com um desconhecido na casa de banho de um avião.

Homem – Bem, a casa de banho... também não é indispensável. Somos os únicos neste avião.

Mulher – Sim, mas no meu sonho acontece na casa de banho de um avião.

Homem – No seu sonho? Acha que estamos a sonhar?

Mulher – O senhor não sei, mas eu... Na verdade, tenho este sonho muitas vezes.

Homem – Na dúvida... é agora ou nunca, não acha?

Mulher – Então vamos?

Homem – Vamos.

Os dois levantam-se.

Mulher – Vai ver que vamos acordar...

Homem – Porque diz isso?

Mulher – No meu sonho, quando chego à porta da casa de banho, está trancada... E é nessa altura que acordo.

Homem – Só nos resta esperar que desta vez esteja aberta.

Mulher – Foi ver?

Homem – O quê?

Mulher – Há pouco foi ver se estava alguém do outro lado da cortina. Viu se estava alguém na casa de banho?

Homem – Não... Acha que os trezentos passageiros e a tripulação inteira podem estar escondidos lá dentro?

Mulher – Já não sei o que pensar... Mas há de concordar que, se a porta estivesse trancada por dentro... também não seria muito tranquilizador.

Homem – A menos que seja o piloto...

Mulher – E talvez uma hospedeira com ele...

Homem – Não temos escolha. Temos de ir ver...

Desaparecem atrás da cortina ao fundo.

Luz.

A mesma situação do início. O homem acorda, um pouco desorientado, mas sem entrar em pânico. Ela acorda também.

Mulher – Estás bem?

Homem – Sim.

Mulher – Acho que adormecemos em frente à televisão. O que é que estávamos a ver mesmo?

Homem – Já não me lembro... Um filme. Passava-se num avião.

Mulher – Tive um sonho muito estranho.

Homem – Sim, eu também.

Mulher – Era muito angustiante e, ao mesmo tempo...

Homem – E...?

Mulher – É melhor irmos para a cama, não achas?

Homem – Contas-me o teu sonho?

Mulher – Sim...

Saem.

Para terminar

Um homem e uma mulher estão sentados no que acabará por se revelar serem cadeiras de teatro. À escolha da encenação, os dois intérpretes podem também estar sentados no meio do público. A mulher dormita. O homem abana-a ligeiramente para a acordar.

Homem – Acorda, o espetáculo acabou. As pessoas estão a começar a sair. Se não queremos dar nas vistas...

A mulher vai recuperando os sentidos pouco a pouco.

Mulher – Desculpa. Adormeci?

Homem – Dava-te uma cotovelada quando começavas a rressonar, mas estavas a dormir tão profundamente... Não me atrevi a acordar-te.

Mulher – Então não vi nada da peça?

Homem – Não sei se perdeste grande coisa. Acho que eu também dormitei em alguns momentos...

Mulher – Que estranho. Tive uns sonhos muito esquisitos.

Homem – Que sonhos?

Mulher – Já não me lembro... Histórias insólitas... Não imaginava que se pudesse sonhar tanto em tão pouco tempo. Quanto tempo durava a peça? Uma hora?

Homem – Uma hora, em tempo real. Mas a mim pareceu-me uma eternidade...

Mulher – Os meus sonhos eram um verdadeiro delírio... O inspetor Colombo e Einstein chegavam ao paraíso. Dois polícias investigavam a morte de Van Gogh...

Homem – É pena não te lembrares. Podias ter feito com isso uma comédia de sketches.

Mulher – Talvez me volte à memória...

Homem – Mas agora temos de ir... As pessoas estão a começar a olhar para nós de uma maneira estranha...

Mulher – Seja como for, obrigada. Passei um ótimo bocado.

Homem – Ainda bem que gostaste.

Mulher – Sim. Devíamos ir mais vezes ao teatro...

Levantam-se para sair.

Fim.

O autor

Nascido em 1955 a Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começa como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Depois, é argumentistas na televisão e volta ao palco como dramaturgo.

Ele escreveu uma centena de cenários para o pequeno ecrã e cerca de 120 comédias para o teatro, algumas das quais já são clássicos (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*).

É hoje um dos autores contemporâneos mais interpretados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas em espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele Encontro na plataforma
EuroStar Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto No fim da linha
O Joker
O Roupão Os Náufragos do Costa
Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Um Sonho de Casa

Comédias para 3

Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências Um pequeno passo
para uma mulher, um salto no vazio
para a Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa Crise e
Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Flagrante delírio
Nochebuena en la comisaría
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Rebeldes
Pronóstico Reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas

Comedias para 7 ou mais

A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Comedias de sainetes (sketches)

Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
Demasiado é demasiado!
De verdade e de brincadeira
Dramédias
Ela e Ele
Entre Bastidores
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem sentido proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser baixadas livremente no seus sites :

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.

*Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2026

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-469-6

Documento para download gratuito